

Política Viva: Zapatistas¹ celebram seu vigésimo aniversário

Living Politics: The Zapatistas celebrate their 20th anniversary

Diana Taylor²

Tradução por Fábio Salvatti³

ISSN: 1414.5731
E-ISSN: 2358.6958

1 [Nota de tradução] Escrevendo em língua inglesa, Diana Taylor sempre marca a ambivalência de gêneros ao longo do presente artigo, indicando, por exemplo, "his or her" quando fala de "participants". Além disso, no início da "reflexão cinco", aponta a centralidade da política linguística de gênero para a comunidade zapatista: "Nenhuma palavra masculina termina sem seu homólogo feminino". Apresentar todos os adjetivos no masculino e no feminino seria inviável para a fluidez do texto. Por este motivo, esta tradução fez a opção de manter os pronomes tanto no masculino quanto no feminino, e todos os adjetivos e artigos que se relacionam coletivamente a indivíduos de dois gêneros, no feminino, como forma de indicar aqui a política linguística zapatista.

2 Professora da Universidade de Nova Iorque, onde ensina nos departamentos de Estudos da Performance e Espanhol. Diretora do Instituto Hemisférico de Performance e Política. Autora de: *Theatre of Crisis* (1991), *Disappearing Acts* (1997), *The Archive and the Repertoire* (2003) e *Performance* (2012).

3 Professor Doutor Adjunto III do Departamento de Artes da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), diretor teatral. fabiosalvatti@gmail.com

“Nós esperamos, nós resistimos, nós somos experts nisso”.

I. *Camino Largo: A longa estrada para a autonomia*

Entre 09 e 11 de agosto de 2013, poucos meses antes do vigésimo aniversário de seu levante contra o governo mexicano em 01 de janeiro de 1994, as Zapatistas decidiram dar uma festa. O Subcomandante Insurgente Moisés fez o convite via internet para “quienes se hayan sentido convocados” a celebrar o aniversário de dez anos da criação dos cinco “caracoles” zapatistas (municipalidades autônomas), cada qual com sua própria estrutura governamental ou “Junta de Bom Governo” (JBG)⁴. Os caracoles foram criados para organizar e prover cuidados de saúde, educação e serviços básicos para todas as comunidades autônomas que não recebem senão problemas do governo mexicano. Em oposição ao “mau” governo, os cinco homens e mulheres da JBG servem em um sistema rotativo, são votadas pelas comunidades e tem de obedecer a mandatos comunitários. A festa era parte de um redirecionamento maior do *camino largo* zapatista em direção à autonomia. O *camino largo* se estende no tempo e no espaço, há mais de 500 anos. Seu “mapa” é um espaço conceitual de liberdade conquistada através de movimentos, a “cadeia de operações especializadas” que compõem seu território complexo e multicamadas - físico, sagrado, político, digital⁵. Agora as Zapatistas estavam começando a se abrir, novamente, para a sociedade civil. Além da festa, elas e eles organizaram a primeira edição da *escuelita*, para aqueles e aquelas que queriam estar presentes com as Zapatistas por uma semana e aprender sobre seus modos de fazer política viva. Como o Subcomandante Marcos (ou Sup) deixou claro, as Zapatistas não precisam que lhes deem conselhos ou que lhes digam o que fazer. Mas somos bem-vindos a acompanhá-las e a aprender com elas e eles⁶.

San Cristóbal de las Casas, cidade situada em Chiapas, nas montanhas do sul do México, estava cheia de visitantes e jornalistas independentes de todo o mundo. Mil e quinhentas pessoas foram admitidas na *escuelita* dessa vez, incluindo figuras importantes em direitos humanos e educação⁷. Um número parecido de participantes assistiu online a partir do CIDECI (Centro Indígena de Capacitação Integral), uma universidade local de inspiração Zapatista. Para a celebração dos *caracoles*, vans, caminhões e carros se enfileiraram até a estrada que leva a Oventic, o *caracol* mais próximo de San Cristóbal de las Casas e, portanto, o mais visitado. Uma placa na estrada dizia:

ESTA USTED EN TERRITORIO
ZAPATISTA EN REBELDIA
“Aquí manda el pueblo
y el gobierno obedece”

4 Os cinco caracoles são: La Realidad, Roberto Barrios, La Garrucha, Oventic, e Morelia. <http://enlacezapatista.ezln.org.mx/2013/03/17/fechas-y-otras-cosas-para-la-escuelita-zapatista/>

5 Michel de Certeau. *The Practice of Everyday Life*. Berkeley: University of California Press, 1984, p. 120.

6 SUBCOMANDANTE MARCOS, *Malas y No Tan Malas Noticias*, November, 2013. <http://enlacezapatista.ezln.org.mx/2013/11/03/malas-y-no-tan-malas-noticias/> Acesso em: 30 dez. 2013.

7 Dentre as participantes estavam Nora Cortiñas (Presidente da Associação de Mães dos Desaparecidos - Linha Fundadora) e Pablo Gonzáles Casanova (ex-diretor de UNAM, Universidade Autônoma do México).

Sobre o portão de metal nada imponente que separa Oventic do resto do México, um arco coberto de flores convidava as visitantes a entrar. Era por volta de 20h quando chegamos na sexta. Apesar da escuridão e da chuva, as pessoas faziam fila para entrar. Nos espalhamos embaixo de lonas plásticas, as quarenta de nós que estávamos em San Cristóbal participando do curso Arte e Resistência, que eu co-ministrava junto com a artista/ativista mexicana Jesusa Rodríguez pela terceira vez em Chiapas⁸. Nós permanecemos juntas, esperando, enquanto um Zapatista mascarado pediu nossas identidades. Nós lhe entregamos uma lista de nomes de toda a América – Venezuela, Colômbia, Argentina, Chile, Peru, Brasil, México, Estados Unidos, e Canadá. Um participante veio de Uganda, dois da Espanha e outro da Austrália. Três do nosso grupo eram mulheres indígenas maias, que participaram do nosso programa como artistas. O homem nos olhou. Éramos um “problema”? Ou só uma esquisitice? Ele decidiu não contar e saiu com a lista. Outro se aproximou para ficar de olho em nós. Uma das mulheres em nosso grupo disse algo e ele riu através da máscara de esquiador. Ele queria saber de onde éramos e porque queríamos estar lá, uma boa pergunta a qual voltarei mais tarde. “Para celebrar”, foi tudo o que dissemos.

Chiapas fornece uma arena formidável pra estudar arte e resistência por uma série de razões. Chiapas, o estado com maior população indígena do país, foi relegado à servidão e à pobreza. Três quartos da população vive na pobreza⁹. O estado tem o pior sistema educacional do país. 72% das crianças, de acordo com as Zapatistas, não terminam a primeira série¹⁰. A maioria não tem acesso a água limpa ou a tratamento de esgoto. A taxa de mortalidade, conseqüentemente, relacionada com doenças tratáveis como sarampo, cólera, tifo, pneumonia, parasitas, e doenças gastrointestinais é também a maior. Muitas chiapanecas não têm acesso a cuidados de saúde¹¹. Ironicamente, Chiapas é um dos estados mais belos e ricos em recursos. México e a elite poderosa lucram enormemente com o petróleo, madeira, eletricidade, café, mel, milho, cacau e gado extraídos de lá, e reinvestem muito pouco. Ao contrário, o México explora a população indígena e as belas atrações naturais, montanhas com mata nativa e belos lagos e cachoeiras, para o turismo. A maioria dos visitantes que vai a Palenque ou a outros lugares turísticos pré-conquista podem se admirar com sua beleza, sem ver a miséria que o governo mexicano e o governo local inflige às pessoas e à terra. Pra complicar ainda mais, Chiapas é cenário de uma intensa atividade em torno da migração. Centenas de milhares de migrantes e refugiadas da América Central cruzam a fronteira de Chiapas com a Guatemala para chegar aos EUA. Uma vez que os EUA deliberadamente pagam para o governo mexicano para

8 Arte e Resistência, “explora as muitas maneiras pelas quais artistas e ativistas usam a arte (performance, pinturas murais, graffiti, escrita, música) para fazer uma intervenção social nas Américas. A parte teórica do curso, ministrada por Diana Taylor, permanece em conversação ativa com o característica de pesquisa baseada na prática do curso. Jesusa Rodríguez vai liderar um workshop intensivo de performance de uma semana que culminará em uma ação pública como parte do curso. Jacques Servin, dos Yes Men também participará, oferecendo uma palestra e um laboratório, e Lorie Novak vai liderar o componente de mídia digital do curso. Apresentações, exibições de vídeo, palestras e visitas ao FOMMA, Chiapas Media Project, uma comunidade zapatista e outros projetos ativistas fornecerão uma dimensão adicional às questões levantadas pelas leituras e discussões teóricas. As alunas serão encorajados a explorar possibilidades de pesquisa prática, desenvolver seus próprios locais de investigação e compartilhar seu trabalho em uma apresentação final”. O uso do futuro aqui é estranho, porque o curso já aconteceu, mas eu entendo que é uma citação descritiva.

9 <http://hemisphericinstitute.org/hemi/en/summer-2013-mexico>

10 SUBCOMANDANTE MARCOS, *Our Word is Our Weapon: Selected Writings*. Ed. Juana Ponce de León. N.Y.: Seven Stories Press, p. 24.

11 Chiapas Quick Facts, <http://1400ml.com/thedagger/chiapas/pages/quickfacts.pdf>.

parar as migrantes no sul, o estado tem se tornado cada vez mais militarizado¹². A violência como um todo tem aumentado, já que migrantes são atacadas, estupradas, assassinadas ou desaparecidas, por vezes por membros do crime organizado, por vezes pela polícia federal ou local, por vezes por delinquentes ordinárias tentando ganhar um pouco de dinheiro daquelas mais pobres do que elas ou eles mesmas. A miséria humana é o Produto Interno Bruto da região.

Diante de tanto desespero e desigualdade, as Zapatistas disseram não, “Já basta”. O estado se tornou o centro do pensamento indígena e de suas teorias e práticas epistêmicas alternativas.

As Zapatistas vem praticando a resistência por um longo tempo, esperando, quietamente, obstinadamente pelo momento certo de agir. Elas e eles começaram a se organizar em 1983, uma década antes de tomarem a decisão de mobilizar uma insurgência armada. Várias teorias circulam sobre porque e quando elas e eles decidiram buscar visibilidade. Um arqueólogo amigo de Jesusa que trabalha em Toniná, próximo de Ocosingo, Chiapas, nos contou uma versão. Toniná, um local cerimonial maia de cerca de dois mil anos, é caracterizado por enormes plataformas e terraços construídos na montanha sobre a praça central. Ali, ele nos disse, era onde as Zapatistas se encontravam nos anos 80 para fazer seus planos. Elas e eles estavam esperando o momento certo de agir, sabendo que o momento de ação nunca é óbvio. Elas e eles sabiam não ter pressa. Uma noite, enquanto se encontravam nesse local sagrado, um raio de uma enorme tempestade atingiu a pirâmide e fatiou uma camada da vegetação que a cobria. A chuva pesada daquela noite arrastou os galhos e cinzas, e quando acordaram pela manhã elas e eles viram um gigantesco relevo em forma de escada incrustado no lado da pirâmide. Elas e eles interpretaram isso como o sinal que esperavam.

A versão mais comum, claro, liga o levante à implantação do NAFTA (sigla inglesa para Acordo de Livre Comércio da América do Norte) em 01 de janeiro de 1994. Elas e eles sabiam que o NAFTA era um “certificado de morte” para as populações indígenas¹³. O acordo de “livre comércio” significava que as populações locais perderiam sua autonomia territorial e agrícola. Lideradas pela diminuta Comandante Ramona, as Zapatistas tomaram cinco importantes cidades do estado, incluindo San Cristóbal. “Por que ter medo?”, ela pergunta, “Para todos os efeitos e propósitos, nós já estamos mortas. Não significamos nada”¹⁴. As rebeldes indígenas entendiam totalmente sua condição colonial. A Capitã Insurgente Maribel, a jovem que ajudou a capturar a cidade de Margaritas, foi “a primeira rebelde a ter contato com o governo”. Quando perguntada pelo delegado quantos anos tinha, ela respondeu, “quinhentos e dois... a mesma idade da rebelião”¹⁵. Tempo, resistência e identidade se tornaram sinônimos, todos parte da velocidade contraditória da luta: lenta/rápida, curta/longa, jovem e muito velha.

As Zapatistas tentaram todo tipo de estratégias desde a campanha armada de janeiro de 1994 para atingir seus objetivos: democracia, liberdade e justiça - não ape-

12 Ver: “Art, Migration, and Human Rights: A collaborative dossier by artists, scholars, and activists on the issue of migration in southern Mexico.” New York: Hemi Press, 2015. Chiapas2015.tome.press.

13 SUBCOMANDANTE MARCOS, op cit.

14 Op cit., p. 6.

15 Op cit, p. 9.

nas para si, mas para todas e todos. Duas das estratégias mais interessantes, do ponto de vista dos estudos da performance, são, claro, o uso de máscaras e o uso do silêncio que caracteriza as Zapatistas como grupo. Elas e eles estão unidas, como escreve o Sup, “por nossa miséria comum, pelo esquecimento coletivo a que fomos atirados há 501 anos, pela morte inútil que aguentamos, por sermos sem rosto, com nossos nomes arrancados de nós, por termos que apostar nossas vidas e mortes no futuro de outras e outros”¹⁶.

Que estratégia mais efetiva do que a de lutar a partir do anonimato, sem um rosto, sem um nome, convertendo abjeção em acesso à dignidade, recusando a entregar ao poder a identidade que ele tanto recusa quanto demanda. “Quem é Marcos?”, o governo insiste. Quando ele o “desmascarou” em 1995, não houve efeito algum¹⁷. Marcos, cujo primeiro nome de guerra foi Zacarias, e depois (pós Marcos) Galeano, era muito mais do que um indivíduo. Marcos, como escrevi na “Morte do ‘eu’ político” estava sempre entre aspas: “‘Marcos’, como a máscara, era, como ele coloca, um ‘truque colorido’, um ‘holograma’ nascido do levante que refletiu as aspirações daqueles que ansiavam desafiar os regimes de dominação”¹⁸. Mesmo depois do levante, a imprensa não podia ver ou ouvir os povos indígenas. O mestiço mascarado se tornou a voz e o rosto das Zapatistas. Ainda assim, a máscara, como a voz, é coletiva. Ela encarna o ‘nós’ - nunca singular ou individual. Marcos assinou muitos de seus comunicados “das montanhas do sudeste mexicano, o Comitê Clandestino Revolucionário Indígena”, seguido de “Planeta Terra”. As máscaras sinalizam o compromisso explícito para identificar com e como um coletivo embarcado em um projeto de vida. As Zapatistas compartilham um propósito comum, elas e eles seguem na mesma direção¹⁹.

Máscaras, contudo, são frequentemente percebidas como ameaçadoras ou aterrorizantes, especialmente no México, onde agora tantos grupos armados são mascarados - as narcos, as “federales”, ou agentes federais, as para-militares, e mesmo as delinquentes ordinárias. Ao mesmo tempo, o México tem uma tradição muito antiga de máscaras. Danças mesoamericanas e pós-conquista, rituais e outras performances são cheias de personagens mascaradas que existem até hoje. Há máscaras antigas, funerárias, feitas geralmente de pedra. As mais recentes aparecem em festas e dramas dançados representando tipos - o espanhol com o rosto rosado, o rosto da Malinche com seu longo cabelo, as máscaras de demônios, máscaras da vida e da morte, máscaras de animais. Elas visibilizam as muitas forças que acompanham a história mexicana - o colonialismo, a noção de traição, resistência, humor, sedução, morte e animismo - sempre disponíveis para uma reanimação. Máscaras significam tanto transformação quanto continuidade. Podemos nos tornar outra ou outro ao vestir uma máscara. Mas como as pessoas de teatro sabem, para que as máscaras funcionem é preciso que ninguém nos veja colocá-las. Viramos de costas para o pú-

16 Op cit, p. 19.

17 Ver a discussão sobre o desmascaramento de Marcos In: Michael Taussing “The Disorganization of the ‘Organization of Mimesis:’ The Subcomandante Marcos Unmasked” In: Michael Taussing. Defacement. Stanford: Stanford University Press, 1999, p. 236.

18 Diana Taylor. “The Death of the Political ‘I’”. In: Diana Taylor e Loriem Novak. Dancing with the Zapatistas, Duke University Press e Hemi Press, 2015. <http://scalar.usc.edu/anvc/dancing-with-the-zapatistas/marcos-declares-himself-dead>. Para ouvir o discurso final de Marcos, veja ENTRE LA LUZ Y LA SOMBRA: Últimas palabras del Subcomandante Marcos, <http://radiozapatista.org/?p=9766>

19 [Nota de tradução] Há um jogo de palavras que se perde na tradução. A frase original é “they all face in the same direction”, ou seja, seus rostos (que elas e eles recusam) apontam para a mesma direção.

blico durante os segundos que leva para nos transformar. A nova forma que aparece não estava lá um minuto atrás, como com as Zapatistas. Numa piscada de olhos, lá estavam elas e eles, presentes!

A maneira como as Zapatistas tem usado o silêncio é também dramática. “Falar e ouvir é como homens e mulheres de verdade aprendem a caminhar”, elas e eles dizem, mas poucos as ouviram ou falaram com elas e eles. O que ocorre quando privamos comunidades da capacidade de falar e ouvir? O epistemicídio, para voltar ao termo de Sousa Santos, redundava inevitavelmente em conquista e dominação. Muito tem de ser silenciado para que um projeto político seja bem sucedido. Enquanto as Zapatistas se fortaleceram como grupo, elas e eles escolheram estrategicamente quando e como estar em silêncio. E impuseram seu silêncio àquelas e àqueles que queriam falar com elas e eles. María Josefina Saldaña-Portillo escreve sobre a política do silêncio zapatista ao recontar sua visita a Oventic em 1996 para o Primeiro Encontro Internacional pela Humanidade e Contra o Neoliberalismo. Ela lembra do Comandante David dizendo, “Hasta que guarden silencio, no podemos comenzar”. Ela não sabia o que significava silêncio, ela escreve, enquanto sentava junto ao grupo de cinco mil participantes internacionais que lutavam para permanecer quietas: “Nos pediram para reencenar o silêncio sob o qual as Zapatistas se organizaram durante dez anos. Nos pediram para experimentar a dificuldade de alcançar e manter o silêncio por ao menos dez significativos minutos. Metonimicamente, nossos dez minutos juntas representavam os dez anos ‘silenciosos’ da organização zapatista: contudo, eles também representavam outro tipo de silêncio, os quinhentos anos de silêncio imposto sobre os povos indígenas das Américas”²⁰. Ainda, as Zapatistas usaram o silêncio imposto, assim como o anonimato imposto, como uma fonte de força. Enquanto todas as visitantes estavam sentadas em silêncio, todo o grupo de Zapatistas tomou seus assentos na arquibancada sem que ninguém as ouvisse. “Eu estava assombrada”, Saldaña-Portillo escreve, “porque mesmo que estivéssemos lá sentadas e quietas, talvez por causa da ‘quietude’ - as Zapatistas estavam em movimento e mais quietas ainda”²¹.

As Zapatistas têm sido muito ativas em seus movimentos, na sua maneira quieta, tentando construir um suporte civil para suas reivindicações através de encontros, marchas e online, principalmente através de comunicados. Elas e eles hospedaram uma convenção democrática nacional em Aguascalientes (agosto de 1994) para incitar pessoas de boa vontade de todas as nacionalidades, raças, sexualidades e religiões para focar no “inimigo comum”²². Em 1994, Marcos rejeitou as tentativas do recém presidente Ernesto Zedillo de comprá-lo (“As Zapatistas não tem um preço, porque a dignidade não tem um preço”)²³. As Zapatistas entraram em negociação com o “mau”

20 María Josefina Saldaña-Portillo. *The Revolutionary Imagination in the Americas and the Age of Development*. Durham: Duke University Press, 2003, p. 193.

21 Op. cit., p. 192.

22 A razão pela qual as Zapatistas convocaram a CDN (Convenção Democrática Nacional) foi para “discutir e acordar em uma organização civil, pacífica, popular e nacional de luta pela liberdade e pela justiça”. Elas e eles explicitamente disseram que não assumiriam um papel protagonista nesta organização: “Chegou o momento de dizer a todas e todos que não queremos e não podemos tomar o lugar que algumas querem que tomemos, o lugar de onde emanam todas as opiniões, todos os caminhos, todas as respostas, todas as verdades: não o faremos”. Elas e eles querem impulsionar a luta nacional e continuar lutando pelos mesmos objetivos à sua própria maneira. Falando em nome da “voz do EZLN”, o porta-voz pede aos presentes “que não se esqueçam das diferenças que nos separam e que - mais frequentemente do que não - nos opõem uns aos outros; mas as deixemos de lado por um momento, alguns dias, algumas horas, minutos suficientes para que possamos descobrir o inimigo comum”. Op. Cit., 55.

23 Op. Cit., 74.

governo que produziram os Acordos de San Andrés²⁴ (1996), os quais garantiram autonomia e direitos para os povos indígenas. Após perder a confiança no governo mexicano por não honrar os acordos, elas e eles hospedaram mais fóruns (como o Primeiro Encontro Internacional pela Humanidade e Contra o Neoliberalismo que Saldaña-Portillo descreveu, dentre outros) novamente clamando que todas e todos aquelas e aqueles exploradas pelo sistema juntassem-se em sua luta por reconhecimento. “Nós convidamos todas vocês para que todas nós possamos nos ouvir nos falar. Para vermos quem somos”²⁵. Em resumo, elas e eles chamaram as exploradas e perseguidas para se tornarem um “Nós”, para reconhecer, acompanhar e ouvir umas às outras. “Nós podemos continuar no caminho correto se vocês, que somos nós, caminharmos juntas”²⁶. Durante o Encontro, as Zapatistas insistiam que “nós” não precisamos ser Zapatistas ou viver como elas e eles para juntar-se à luta. Aliás, elas e eles não pedem que o façamos: “Lute com suas armas; não se preocupem com as nossas. Nós sabemos como resistir até o final. Nós sabemos como esperar”²⁷.

A espera é uma arma poderosa. Em outubro de 1996, com as tensões ainda altas por conta do processo do Acordo de San Andrés, “o presidente Ernesto Zedillo visitou três bases militares em Chiapas”²⁸. Então Comandante Ramona quebrou o cerco imposto pelo governo sobre as Zapatistas e foi até a Cidade do México, junto com outros homens, mulheres e crianças civis zapatistas para ajudar a fundar o Congresso Nacional Indígena²⁹. Um repórter descreveu a cena da seguinte forma: “Hoje as Zapatistas lançaram uma bomba que ninguém estava esperando. A bomba de se retirar do centro. A bomba da paciência. A bomba da ternura avassaladora”³⁰. Gradualmente, quietamente, o grupo buscava soluções políticas e culturais em sua luta contra o “mau” governo.

Em 2003, as Zapatistas formaram uma alternativa democrática de “bom” governo nos centros administrativos autônomos, os caracoles, novamente enfatizando o caráter mais cívico do que armado de sua luta. Durante as eleições presidenciais de 2006, Marcos iniciou “la Otra Campaña”, que foi de fato uma campanha daquelas que nunca foram representadas pelo governo nacional. Ele concorreu como “Delegado Zero”, enfurecendo algumas da esquerda que já estavam ativamente apoiando Andrés Manuel López Obrador contra Felipe Calderón, o candidato da direita que “venceu” o que muitos consideraram uma eleição forjada e que disparou a desastrosa guerra contra o narcotráfico.

Durante os momentos de ameaça, as Zapatistas fecharam os caracoles para o mundo. Em outros momentos, elas e eles os abriram para as apoiadoras nacionais e internacionais. As *escuelitas* são uma iniciativa extraordinária para acolher aquelas e aqueles com vontade de aprender os caminhos das comunidades autônomas. Cada participante vive com uma família e tem uma acompanhante para ajudá-la no processo de aprender, desaprender, e reaprender. Se uma participante vem com uma

24 http://flag.blackened.net/revolt/mexico/ezln/san_andres.html

25 Op. Cit., 112.

26 Ibid.

27 “Segunda Declaração da Selva Lacandona,” 12 de junho de 1994, Op. Cit. 48.

28 Herman Bellinghausen. “Ramona will represent the EZLN at the National Indigenous Congress.” La Jornada, 10 de outubro de 1996. http://flag.blackened.net/revolt/mexico/reports/ramona_to_mc_oct.html

29 Ibid.

30 Ibid.

criança, uma criança indígena também é escalada para acompanhar.

E agora nós recebemos um convite para celebrar a festa delas e deles.

Apesar de todos os esforços para sobreviver, a vulnerabilidade das Zapatistas é inegável - não apenas por serem predominantemente povos indígenas, mas por serem pessoas em ativa oposição ao governo repressivo neoliberal do México. Eu enfocarei a vulnerabilidade não como uma condição ou estado de ser, mas como um fazer e uma relação de poder. A vulnerabilidade zapatista tem sido estruturalmente imposta e economicamente organizada desde os tempos coloniais até o presente. Como deixa claro Jean Franco em *Cruel Modernity*, os países da América Latina tentaram eliminar suas populações indígenas para se tornarem "modernos". "A urgência da modernização transformou os indígenas de uma força de trabalho explorável para uma massa negativa e indesejável", ela afirma, que desafia "o indivíduo independente e autodeterminado"³¹. As indígenas, com um ethos de identidades comunitárias e práticas coletivas, escapam dos sistemas epistêmicos do ocidente e se tornam um entrave para o capitalismo individual. O NAFTA era simplesmente a última gota. Mas elas e eles se adaptam, dizem as Zapatistas "para no dejar de ser" seres históricos³². O ponto de partida, usando a terminologia de John Holloway, é que o *poder de viver*, trabalhar e prosperar das comunidades indígenas tem estado sob constante ataque pelo *poder sobre* suas vidas, trabalhos e bem-estar exercido pelo governo. Como pode a resistência se opor a esse "fazer" da vulnerabilidade? E o que, para parafrasear a pergunta das Zapatistas para nós, estávamos fazendo lá?

Reflexão Um: Sobre estar lá

Parte das razões para estarmos lá, na linguagem da academia, tinha a ver com "pesquisa baseada na prática". Há departamentos acadêmicos dedicados a isso, cada um com seu foco e suas características especiais, mas para nós significava estar presentes, *in situ*, usando a experiência corporificada e a prática como um ponto de entrada para o aprendizado e a teorização, e não o contrário, aplicando nossas teorias às práticas que vemos ou experimentamos. Nós precisávamos ler uma significativa quantidade de literatura acadêmica para saber porque Chiapas, porque as Zapatistas (uma informação necessária que resumi drasticamente aqui). Meu ponto de partida pedagógico é simples: temos de ver para estarmos aptas a conhecer, mas também temos de conhecer para estarmos aptas a ver.

A esperança era que nossa presença e interações pudessem desafiar nosso modo convencional de saber, ver e teorizar. Assim como Saldaña-Portillo nota as mudanças perceptivas que ocorrem quando um (ou cinco mil) sentam em absoluto silêncio no escuro, nossos corpos se reajustam em ambientes sensoriais não familiares. Entrar no desconhecido, em vez do conhecido, requer um ato de imaginação, um desejo de comprometer-se com estados corporais com os quais não estamos acostumadas, abrir mão de algumas certezas, de algumas habilidades, de um certo sentido de si e de seu lugar no mundo e sim, às vezes, de seu próprio conforto.

31 Jean Franco. *Cruel Modernity*. Durham: Duke University Press, 2013, p. 8.

32 Diana Taylor e Jacques Servin. "Nosotros: Interview with a Zapatista." Chiapas, Mexico, Agosto 2013.

A presença, como ato de estar presente, também ressoa com o “Presente! Presente!”, um canto comum em manifestações políticas na América Latina, que é tanto ação quanto palavras, que pode ser entendido como um ato de solidariedade e/ou provocação, uma forma de testemunho, um modo de estar no mundo, uma mostra, exposição ou declaração de presença. “Presente!” anuncia uma maneira diferente de estar presente, física e politicamente que nós, como grupo, gostaríamos de realizar visitando Oventic.

Claramente, o equilíbrio entre treinamento / disciplina acadêmica e o domínio da “prática” da “presença” é complexo e turvo - nós frequentemente agimos de uma posição de conhecimento prévio, e escrevemos sobre o que sabemos, não necessariamente sobre o que experimentamos. Nossos arquivos coloniais estão cheios de materiais e fontes baseados em evidências que ninguém experimentou ou viu³³. Neste sentido, portanto, nós também éramos (e somos, sempre) mascaradas, escondendo nossos preconceitos e sensibilidades atrás de uma vontade visível de transcendê-los.

Jesusa Rodríguez e eu somos cuidadosas sobre quem admitir em nosso curso - usualmente trinta e cinco a quarenta pós-graduandas de toda a América. Escolhemos participantes que têm um amplo espectro de interesses e habilidades - pessoas estudando culturas nativas, direitos humanos, migrações, alter-globalização, justiça ambiental, gênero e sexualidade, teoria crítica de raça, estudos da performance e antropologia, mas também jornalistas, performers, cineastas e fotógrafas. Já que nem todos falam inglês, ou espanhol, ou português no grupo, não temos uma língua, discurso teórico, habilidades, experiência de vida, ou pressupostos compartilhados como denominador comum. Em um lugar como Chiapas, que gera tantos deslocamentos, as participantes tendem a criar vínculos, a formar laços afetivos fortes porque precisamos confiar umas nas outras. Nos dividimos em grupos menores e distribuimos expertises - em cada grupo vai haver alguém que fale espanhol, inglês, que saiba fazer entrevistas, escrever artigos acadêmicos, usar tecnologias digitais, câmeras e vídeo. Colaboração, confiança e respeito se tornam essenciais. Temos de contar com cada uma para atingir nossos objetivos - conhecer o que está acontecendo nesta parte do mundo e transmitir este conhecimento (às vezes individualmente, às vezes coletivamente) em ação, usando os métodos de comunicação que preferirmos. Para fazer isso, precisamos nos transformar em “NÓS”.

Jesusa Rodríguez começa com a pedagogia das pedras:

“O exercício consiste em pedir a cada pessoa que escolha uma pedra e a traga para o grupo. Não especifico nem tamanho nem formato; só peço uma pedra.

Assim que as participantes estejam em círculo, peço para que todas e todos exibam suas pedras, para que todas e todos possam vê-las.

O objetivo do exercício é empilhar uma pedra sobre a outra, tentando atingir a maior altura possível - uma pedra sobre outra, e outra, e outra. É só isso.

Nós trabalhamos em silêncio.

Cada participante deve colocar sua pedra na pilha no momento certo, sempre respeitando a premissa de atingir a maior altura possível sem derrubar o que já foi

33 Sustento este ponto em Diana Taylor. “Scenes of Cognition: Performance and Conquest”. *Theatre Journal*, Vol. 56, n. 3, Outubro 2004, p. 353-372.

construído.

Eu digo que o futuro do mundo depende que nós construamos esta pilha de pedras³⁴.

Eu participei do exercício de Jesusa muitas vezes, e fiz o exercício com minhas próprias alunas outras vezes. Nós ambas notamos o quanto o exercício diz sobre cada participante pela maneira como elas e eles abordam e realizam a tarefa. Como Jesusa coloca, "a coisa impressionante sobre este exercício é que permite que percebamos a natureza de cada membro do grupo" e como o grupo vai ou não se tornar uma coletividade capaz de alcançar seu objetivo. "Durante o processo cada participante se comporta de uma maneira não premeditada e nós descobrimos que, no final, todas e todos abordamos este simples exercício do mesmo modo como abordamos tudo na vida"³⁵.

A pessoa se lembrou de trazer uma pedra para o grupo? Se sim, de que tipo? É mesmo uma pedra? Algumas pessoas trazem pedaços de concreto tirados da rua em cima da hora. Quanto cuidado ou pensamento elas e eles investiram na seleção e, depois, no posicionamento da pedra? Foram pacientes? Atentas às outras? Investiram no processo? Ao final do exercício, Jesusa anda ao redor da estrutura e a examina. Ela faz comentários gerais sobre o que a estrutura diz sobre nós, como grupo. Se uma pedra não cumpre ativamente seu propósito (ajudar a atingir a maior altura possível), ela a remove. Ninguém escapa apenas apoiando sua pedra na estrutura ou colocando-a ao redor. Não há caronas em um projeto colaborativo. A participante castigada agora tem que equilibrar a pedra no topo da estrutura, o que, a essa altura, se tornou uma tarefa muito mais desafiadora.

Enquanto as pessoas equilibram suas pedras, o resto do grupo segura seu fôlego, como se o destino do mundo realmente dependesse disso. Depois da torre construída, nós orgulhosamente celebramos e a protegemos de acidentes ao longo de nosso tempo juntas.

Uma vez, enquanto participava, eu acidentalmente derrubei algumas das pedras da pilha. Jesusa, como de costume, me pediu para recolocá-las. Enquanto eu sentei, focada, ela observou que eu permanecia fiel à minha forma. Enquanto eu colocava cautelosamente uma pedra sobre a pilha com minha mão direita, tentando encontrar o melhor equilíbrio, eu segurava todas as outras pedras na minha mão esquerda. Enquanto eu faço uma coisa, ela notou, eu sempre tenho todo o resto acumulado, esperando a vez. Em outra ocasião, quando propus o exercício em uma importante universidade, as estudantes colocaram quatro pedras grandes no chão e começaram a construir sobre elas. Quando eu observei mais tarde que o que tinha sido pedido era construir a pilha o mais alto possível, elas e eles justificaram sua escolha de não seguir as instruções (colocando uma pedra sobre a outra) dizendo que precisavam de uma base sólida. Outra vez, quando fui convidada para uma universidade com um grande número de estudantes latinas e de populações nativas, eu fiquei abismada quando uma das poucas estudantes brancas na turma tirou algumas das pedras que suas colegas tinham cuidadosamente colocado e reconstruiu a pilha toda sozinha.

34 Jesusa Rodrigues. "Pedagogy of Stones." *Art, Migration, and Human Rights*. Chiapas2015.tome. press.

35 Ibid.

Não deu certo, e ela desistiu, e o exercício permaneceu inacabado. Todos saíram infelizes. Como Jesusa diz, a maneira como as pessoas agem não é premeditada, mas nos ajuda a ver que tipos de mundos nós somos capazes de construir juntos, quanto risco estamos dispostos a assumir, e até que ponto somos capazes de colaborar.

O exercício das pedras, então, nos oferece um lugar a partir do qual trabalhar. As lições ali aprendidas duram por todo o curso, incluindo as discussões teóricas. Como falamos e ouvimos umas às outras? Onde entram nossos comentários na conversa? Quando e onde nós os colocamos? Eles foram escolhidos com cuidado? Eles ajudam a atingir nosso objetivo coletivo? A teoria nunca é suficiente. Uma ementa de disciplina não é suficiente. A pesquisa baseada na prática precisa estar embasada e teorizada a partir da prática.

As Zapatistas são, claro, experts em “pesquisa” baseada na prática e conhecimento aprendido durante séculos de luta, ainda que tenham palavras diferentes para descrever isso. O “falar e ouvir” que citei anteriormente, para elas e eles, “é como homens e mulheres de verdade aprendem a caminhar”. Elas e eles desejam se envolver conosco como membros da sociedade civil que elas e eles repetidamente chamam para apoiá-las em seu trabalho pelos direitos ambientais e indígenas. Por “se envolver” conosco me refiro à relação muito assimétrica que desenvolvi com membros da comunidade zapatista (particularmente em Oventic) nos últimos quinze anos. A relação, se posso chamar assim, é entre os dois “NÓS” - elas e eles falam de sua base no zapatismo, e eu de minha base no México e na academia. Nós ambos fazemos a mediação entre NÓS. Tenho ido a este caracol em particular muitas vezes, frequentemente com minhas colegas ou alunas da pós-graduação, e conversei com várias líderes e membros da comunidade. Normalmente elas e eles tem sido reticentes em falar conosco, exceto da maneira mais formal que é uma reunião com a Junta de Bom Governo.

Ao longo dos anos, devido à apresentação feita por minha amiga Julieta Paredes, uma ativista político-cultural, queer, feminista, indígena e Aymara da Bolívia, me tornei amiga de algumas Zapatistas. Nos encontramos para um café, conversamos, caminhamos. Elas e eles me ajudaram a conectar com as comunidades zapatistas, mas sempre anonimamente e indiretamente. “Vá lá em tal hora”, um me dizia. “Algo interessante vai acontecer”.

Então, aqui estávamos, esperando debaixo da lona do lado de fora da lojinha Che Guevara, que vende guloseimas e presentes, e que fica entre o caracol e a estrada. Famílias indígenas passavam por nós em direção à festa. Enquanto algumas usavam roupas ocidentais - calças e agasalhos, muitas das maias se vestiam com a roupa nativa de seus vários vilarejos. As mulheres de Chamula vestiam suas saias grossas e negras de pele de cordeiro, e graciosas blusas bordadas sob os finos suéteres sintéticos em diferentes cores, que as protegiam do frio e da chuva. As de Zinacantán vestiam belos tops azuis e roxos, com grandes flores bordadas, características de sua vila, e havia muitos outros padrões de outras regiões que eu não soube identificar³⁶. Até hoje os bordados comunicam diferentes significados para as indígenas que são capazes de decifrá-los, “transcritos secretos”, como James C. Scott os chama, mas em

36 Walter Morris (Chip), *A Textile Guide to the Highlands of Chiapas: Guía Textil de los Altos de Chiapas*, Independent Publishers Group, 2012.

tecidos³⁷. Práticas corporais e a estética do cotidiano, para as Zapatistas, nunca estão distantes da política. O estilo sartorial, especialmente a máscara e/ou a *paleacate* (a bandana vermelha) que elas e eles usam definem a todas e todos como Zapatistas.

As pessoas se moviam através do portão ao nosso lado e alegremente compravam comida e refrigerantes na entrada, antes da grande área de congregação. Álcool não é permitido em nenhuma comunidade zapatista, conforme um decreto da Lei Revolucionária das Mulheres de 1993.

Nosso grupo pareceu contente em esperar, estranho para pessoas entre vinte e trinta anos, com mobilidade social suficiente para estar em Chiapas. De fato estranho, dado que não podíamos nos distrair com nossos passatempos tradicionais, como tirar fotografias ou olhar em nossos smartphones. O Bom Governo proíbe visitantes de tirar fotos sem permissão e Oventic (como os outros caracoles) não tem acesso à internet. Nada a fazer a respeito. Nós simplesmente esperamos.

Reflexão dois: A espera

Uma reflexão que me veio enquanto esperávamos foi em que grau o que vejo, faço e sinto já é produto dos sistemas sociais dos quais faço parte. Neste sentido, raramente experimento o que está “lá” de maneira não-mediada. Estar lá naquele momento me fez distanciar-me e remover-me de “mim” e da minha experiência. Parte disso pode ter vindo dos olhares curiosos que as pessoas nos davam enquanto entravam no caracol - somos espécimes muito estranhas de fato. Enquanto a Wikipedia define o presente “(ou aqui e agora) é o tempo que é associado com os eventos percebidos diretamente e pela primeira vez, não como lembrança (percebida mais de uma vez) ou especulação (prevista, hipotética, incerta)”³⁸, eu estava ciente de que não percebia o evento diretamente e me sentia, ao contrário, cheia de especulação. Eu estava lá, sendo com e sem ao mesmo tempo³⁹. Quando olhava para os rostos mascarados, eu sentia o peso de uma mochila invisível nos meus ombros, me afundando em escritos sobre o rosto —Levinas, Artaud, Deleuze e Guattari, Butler, Taussig, para mencionar alguns. As suas ideias iluminavam o que eu estava experimentando, aqui no meio de centenas de pessoas mascaradas que faziam seus rituais ordinários de celebração comunal - anunciando-se parte da comunidade, facilmente identificando umas às outras, e ainda assim permanecendo anônimas para nós, as estrangeiras, ao mesmo tempo? Palavras e frases vinham à minha mente:

“O rosto humano é uma força vazia, um campo de morte” pouco mais do que “a velha reivindicação revolucionária de uma forma que jamais correspondeu a seu corpo”⁴⁰.

“Rostos não são basicamente indivíduos, eles definem zonas”⁴¹.

Não caía a ficha. Presente, querendo ser “Presente!”, é definido como um ato

37 SCOTT, James C. *Domination and the Arts of Resistance: Hidden Transcripts*. New Haven: Yale University Press, 1990, pp. 4-5.

38 <https://en.wikipedia.org/wiki/Present>

39 [Nota de tradução] Aqui há uma sutileza da ambivalência do verbo “to be”, que significa tanto ser quanto estar. A frase original é “I was being there, being with and not at the same time”.

40 Antonin Artaud. “Le Visage Humain.” junho 1947.

41 Gilles Deleuze e Felix Guattari, *A Thousand Plateaus: Capitalism and Schizophrenia*. Traduzido por Brian Massumi. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1987, p. 168.

de solidariedade com as Zapatistas e uma recusa ao poder, ainda que em (ou vindo de) outro lugar. A ideia de "Presente!" conflitava com a realidade de estar presente, molhada, desconfortável, imaginando o que viria a seguir. Esperando, a mente voa, aparentemente à toa.

Aquela não era a primeira vez que as Zapatistas deixaram nosso grupo esperando. Dois dias antes havíamos visitado Oventic durante o dia. Nós pedimos permissão com dois meses de antecedência, com cópias dos passaportes de todas e todos. Quando chegamos, dois homens e uma mulher nos receberam no portão. Estavam vestindo balaclavas em uma quente manhã de agosto. A pedidos, eu entreguei uma lista com todos os nomes e países de origem, passaportes e fotocópias. A mulher começou a escrever meticulosamente os nomes da lista, perguntando sobre os países de origem e sobre nosso interesse na comunidade. "Por que copiar todos os nomes se eles tem uma lista?" alguém do nosso grupo perguntou. Tecnologia maia, eu pensei, lembrando das palavras de Ricardo Dominguez⁴². Todo país controla seus dados, assim como suas entradas e saídas, seja lançando a Força Aérea Zapatista (composta por aviões de papel arremessados contra os soldados do governo)⁴³ contra as tropas inimigas ou processando informações através do corpo. O processo aqui se movia através do corpo desta mulher muito pequena. Suas perguntas eram muito difíceis de entender e ela as repetia pacientemente. Espanhol não era sua primeira língua. Ela provavelmente falava Tzotzil, ou Tzeltal, ou Ch'ol. Sei lá eu. Escrever, também, requeria um esforço concentrado do corpo, julgando pelo foco com que formava as palavras. De vez em quando um dos homens levava a lista morro abaixo, para uma das construções que se alinhavam nos dois lados da estrada. Do portão podíamos ver os extraordinários murais pintado nas construções de madeira e de alvenaria: o herói revolucionário Zapata em uma parede, mulheres revolucionárias com seus punhos e rifles erguidos na outra, humanos mascarados cultivando milho.

Depois de duas horas e meia, fomos convidadas a entrar. Ninguém reclamou. Estávamos lá para tentar entender resistência, e as Zapatistas sabiam tudo sobre performance duracional. Elas e eles estavam esperando há um bom tempo. Paciência era sua bomba, como o jornalista colocou. Porque elas e eles agiam coletivamente, não apenas individualmente, elas e eles duraram mais do que seus algozes individuais. Presidentes e governadoras vem e vão, e as Zapatistas ainda estão lá. As governantes podem fantasiar sobre superar as Zapatistas, mas elas e eles continuam sua luta, "apesar da fome, da doença, da exaustão... cada manhã se descobre que as Zapatistas ainda estão protestando"⁴⁴. Apesar do pressuposto de que resistência implica ação, estávamos aprendendo que paciência e quietude é tão importante quanto. Há serenidade na presença. Ainda que haja um potencial aspiracional cheio de ação no "Presente!", na verdade se trata de outras coisas, de companhia, de honrar suas companheiras e seu ambiente, de resistência, de teimosia, de persistência e de trabalho aparentemente sem fim. Nós, que viemos correndo do domínio do tempo instantâneo que caracteriza a globalização, paramos: nós não controlamos sempre

42 Ver o ensaio de Jill Lane. "Digital Zapatistas," *TDR: The Drama Review*, Volume 47, N. 2 (T 178), Verão 2003, pp. 129-144.

43 Carlos Monsivais, *Cronicas*, e Jill Lane. "Digital Zapatistas."

44 Marcos, In: Carlos Monsivais. *EZLN: Documentos y comunicados*, Vol. 5. "La marcha del color de la tierra" 2 de dezembro de 2000/ 4 de abril 2001, Crónica de Carlos Monsivais. México: Ediciones Era, 2003, p. 59.

o tempo, o espaço e as condições de nossas ações. Se esperarmos tempo suficiente, podemos aprender. Lição um das Zapatistas.

Agora, naquela noite chuvosa dois dias depois, a espera parecia maior. Eu comeceava a me perguntar se nossa entrada seria recusada na festa. Eu comecei a sentir o peso do meu cargo administrativo como líder do grupo (professora responsável, na linguagem da academia). E se elas e eles não deixassem entrar? O que faríamos? Onde estava meu plano B, meu truque na manga, minha mão cheia de pedras prontas para empilhar? Todo caracol tem uma lista de *não admissíveis*, mas sabíamos pela nossa visita anterior que nosso grupo não estava nela. Nós entraríamos, disse a mim mesma - só precisamos esperar. Como antes, entendíamos a política da espera e experimentamos, mas uma vez, o reverso em termos de controle, acesso e tempo. As Zapatistas tem a autoridade. Esta é a terra delas e deles, nós somos visitantes. Nós esperamos permissão.

Para uma população tão subjugada como as maias tem sido em Chiapas, esta era uma reversão notável. 50 anos atrás, a população indígena (que corresponde a 25% da população do estado) não tinham permissão de andar nas calçadas de San Cristóbal ou de entrar nos bancos. Eram tratadas como animais. Ou ainda pior. Mulheres e crianças podem ainda ser vistas carregando pesados fardos de madeira nas costas, para poupar os burros. Jovens meninas podem ser vendidas ou trocadas. Mesmo agora, se uma menina ou mulher é estuprada, tudo é perdoado se o estuprador casar com ela. A mulher, é claro, pode não concordar, mas ela nunca é consultada. Tudo isso é oficialmente tolerado em nome da tradição. Exceto pelas Zapatistas. Comandante Esther, a primeira indígena a falar na Câmara Legislativa do México, em 2001, disse "nós sabemos quais são os bons usos da 'tradição' e quais são os maus..."⁴⁵. As Zapatistas demandam igualdade. Mesmo paradas diante da entrada do caracol, o comportamento das mulheres Zapatistas entrando o espaço deixa claro que aqui mulheres são tratadas como iguais, apesar de continuarem a suportar os enormes fardos domésticos de suas antepassadas.

Depois de trinta minutos, o que pareceu um longo tempo naquela noite, nos foi concedida autorização de entrada e começamos a descer o morro. Uma jovem Zapatista, vestindo sua roupa tradicional, sua balaclava e sapatos de plástico nos levou rápida e silenciosamente morro abaixo na noite escura e chuvosa. A música reverberava nas caixas de som. Todas as construções ao longo da estrada estavam abertas para servir aos visitantes. Lonas plásticas equipadas com lâmpadas fracas pontilhavam a longa estrada abaixo. Bancos de madeira molhados balançavam próximos às longas mesas cobertas com cestas de comida. Nossa guia correu morro abaixo e todos nós ficamos dispersos na chuva, correndo para acompanhar. Estava tão escuro que mal podia ver para caminhar. Eu continuei olhando para o chão, com medo de cair. Finalmente, me sentindo completamente tola, eu liguei o aplicativo lanterna no meu *iPhone*.

Finalmente (uns dez minutos mais tarde?), nossa guia parou em uma escola na parte mais baixa e distante do caracol. Vocês vão dormir aqui, ela indicou. Alguém lhe havia dito que iríamos dormir ali, uma ideia que tínhamos discutido e descartado por

45 O discurso de Esther é citado em Carlos Monsivais, Op. Cit., p. 47.

causa do tempo. Quem lhe contara? Em todo caso, agradecemos a ela. A maioria de nós provavelmente estaria voltando para San Cristóbal naquela mesma noite.

Todas e todos caminhamos lentamente de volta para a festa.

As fortes chuvas tinham lavado a estrada que apenas dois dias antes tinha sido tão bem compactada com cascalho. Depois das chuvas, as zapatistas começariam, mais uma vez, a consertá-la. As vendedoras alimentavam fogueiras para aquecer enormes potes de alumínio com água e grelhas para cozinhar milho em espiga, que vendiam cobertos com maionese, queijo ralado e pimenta. Outras vendiam *atoles* quentes à base de milho, outras bebidas e ensopados nutritivos. Pessoas aglomeradas em torno de pequenos estandes compravam tacos e tamales. Pirâmides de refrigerantes desenhavam os perímetros exteriores das mesas improvisadas. O caracol, tão vazio dois dias antes, agora tinha milhares de pessoas passeando na escuridão e chuva. Crianças - agora a segunda ou terceira geração nascida no Zapatismo - brincavam em poças, rindo e correndo, perseguindo umas às outras, no meio das pessoas que esperavam o início da cerimônia. Apenas algumas pareciam ser as visitantes estrangeiras que haviam vindo para as *escuelitas*

Com nossos pés encharcados com água e lama, fizemos o caminho até a quadra de basquete principal, o local da assembleia. Olhei para baixo, preocupada, com meus sapatos. Vicki, uma Chamula amiga minha e colega da FOMMA, um grupo de teatro de mulheres maias com quem trabalho desde 1995, caminhou ao meu lado⁴⁶. Eu olhei para sua larga saia preta de pele de cordeiro, e para as pequenas sandálias de plástico preto que ela estava usando. "Os seus pés não estão ficando encharcados?", eu perguntei a ela. "Não importa", ela sorriu, "eu uso estas sandálias o tempo todo". Eu entendi, novamente pela primeira vez, o quão diferente a sua percepção da chuva era diferente da minha. Ela tem uma quietude de presença que eu não tenho. A chuva não era um incômodo, apenas uma parte natural da vida. Seus pés não tinham nenhum problema em se molhar. Seus calçados nem sequer precisariam secar - ela poderia simplesmente secá-los com um pano. Isso era simplesmente parte de seu ambiente. Nada a comentar. A chuva silenciou o som. Pelos alto-falantes, podíamos ouvir uma suave voz masculina fazendo anúncios em várias línguas indígenas. Algumas palavras com *bases de apoyo* e *bueno* se repetiam em todas as línguas. Quando chegou a hora de falar em espanhol, eu percebi que ele estava nos convidando a todos para se reunir na cancha - a quadra de basquete. A parte oficial da comemoração estava prestes a começar.

A cancha estava alinhada, de um lado, com uma plataforma coberta e uma enorme bandeira mexicana fixa no parede. Uma bandeira menor, preta com EZLN escrito em letras vermelhas ao redor de uma estrela vermelha de cinco pontas, estava fixada ao lado dela. A bandeira do Ejército Zapatista de Liberación Nacional, como sua contraparte da vida real, aparecia orgulhosa e desafiadora ao lado de seu gigantesco vizinho. A vasta extensão de espaço ao redor da cancha estava coberta de água e lama, e a chuva continuava a cair. Todos se reuniram em silêncio, esperando. Um dos primeiros oradores a tomar o microfone brincou: "Nós Zapatistas temos que resistir

46 FOMMA, Fortaleza de la Mujer Maya, começou em 1993 com Petrona de la Cruz Cruz e Isabel Juárez Espinoza para ajudar mulheres e crianças maias a ganharem um sentido de empoderamento e de autovalor através de aulas de teatro e de literatura em suas línguas nativas e em espanhol.

a tudo, mesmo ao tempo." Mas ninguém saía. As famílias se espremiavam sob lonas coloridas para obter uma visão melhor.

A cerimônia oficial começou quando uma longa fila de representantes cívicas das várias comunidades zapatistas desceram o morro e chegaram à plataforma - cerca de trinta ou quarenta homens e mulheres vestidos com trajes indígenas tradicionais. Túnicas de pele de carneiro brancas e pretas para os homens, dependendo da sua região e status. Eles usavam seus chapéus de palha com fitas coloridas sobre suas balaclavas. Em seus pés, *huaraches*, sandálias de couro abertas nos dedos com fundos de borracha feitos de pneus velhos. As mulheres usavam saias, blusas bordadas e sandálias de plástico preto. Então, várias Zapatistas marcharam com as bandeiras mexicanas e do EZLN ao redor do pátio e ficaram imóveis. A cerimônia de abertura enfatizou a natureza de "luta armada" do movimento, embora tivessem passados quase 20 anos desde que as Zapatistas tinham tomado em armas. No entanto, o E do EZLN significa exército. O L e o N significam libertação nacional - não apenas indígena. O EZLN quis dar um exemplo de processo democrático e de bom governo para o México como um todo, não apenas impor sua própria versão. Eu tinha minimizado essas características, focada, como eu sempre fui, nos aspectos culturais da resistência. O E lembrou-nos do que está em jogo. As que se recusam a reconhecer o poder do Estado precisam estar preparadas para lutar e até mesmo morrer. Depois disso, o hino nacional soou nos alto-falantes, e jovens zapatistas levantaram os braços em saudação militar. Elas e eles também são "mexicanos al grito de guerra" (o hino nacional bélico do México). A cerimônia de abertura era toda sobre gestos militares, como se alguém tivesse lhes pedido para ficar em sentido, *firmes*. Mas, claramente, a batalha não era com o México - cada ato repetia seu amor por seu país. Sua luta era contra o governo nacional e os partidos políticos que haviam, uma e outra vez, quebrado os tratados e traído os direitos indígenas.

Reflexão Três: O "Bom" Governo e o "Mau" Governo

A entrada no "território rebelde" marca a linha entre dois sistemas políticos interligados. Ambos performáticos, ambos mascarados. O projeto político zapatista, eu vi desde a primeira vez, não era "indígena" em forma ou conteúdo - era a velha luta pelo bom governo. De um lado, o "mau" governo neoliberal (eu concordo com as Zapatistas), caracterizado pela violência, corrupção e ganância. Do outro, o "bom", examina os mecanismos básicos do poder existente (não como uma coisa que se tem, mas como uma prática de relações sociais, ou seja, poder sobre) e pergunta: quem o exerce? Quem decide? Quem fica de fora? Elas então transformam essas práticas e relacionamentos em seus princípios fundamentais:

- a. assembleias participativas ("o povo decide");
- b. não-discriminação (o zapatismo é não-normativo. Apesar de há muito serem explorados como indígenas, sua estratégia rejeita a política de identidade - seja étnica, racial, religiosa, de gênero, sexual, de classe ou linguística⁴⁷. Não se trata

47 "Aqueles que lutam juntas são irmãos e irmãs, independente de cor de pele ou de língua que aprendemos quando crianças" - Those who struggle together are brothers and sisters, regardless of the color of our skin or the language that we learned as children." Declaração emitida pelo Comando Geral do Comitê Revolucionário Indígena Clandestino. In: SUBCOMANDANTE MARCOS, Op. Cit., p. 84.

de ser, neste sentido, mas de fazer, juntando-se à luta pelos direitos indígenas);
 c. Colaboração ("Para Todos, Todo. Para Nosotros, Nada"). O zapatismo reconhece que os indivíduos não podem nada sozinhos, elas e eles existem como parte de um coletivo: SOLOS NO PODEMOS.

Mas ambos são governos. Ambos adoram a pompa, a cerimônia e os ritos de passagem. Resistência aqui não significa uma rejeição do governo ou uma proposta "fora" do político. Como Marcos disse ao recém-eleito presidente Ernesto Zedillo - "nós (as Zapatistas) somos o seu outro; seu irmão siamês. Para que desapareçamos, você também deve desaparecer."⁴⁸ O zapatismo e a resistência armada são a resposta inevitável a séculos de mau governo. Elas e eles se recusam a ceder a noção de governo aos partidos políticos interessados em si mesmos. Elas e eles não serão deixados de fora. Não aceitam que elas e eles, como o governo as vê, sejam "o problema". Elas e eles reconhecem as causas históricas / políticas de sua marginalização, ao mesmo tempo em que gerenciam seus "efeitos" e "afetos". Elas e eles confrontam diretamente a política de não-reconhecimento praticada sobre elas e eles por séculos. O anonimato imposto é performado através de sua poderosa máscara. Seu silêncio forçado é praticado através de suas massivas marchas silenciosas. Elas e eles chamam a atenção para sua máscara como mais uma em um complexo sistema de mascaramento. Os políticos se disfarçam a si e a seus atos por trás dos imperativos do Estado⁴⁹. Quando as delegadas do governo mexicano se recusaram a negociar com as Zapatistas a não ser que tirassem suas máscaras, as Zapatistas responderam: "Mas o Estado está sempre mascarado." Pelo menos, disseram as Zapatistas, elas e eles sabiam que estavam mascaradas também⁵⁰. O "reconhecimento" oficial baseia-se numa política de facialidade que produz, em vez de representar, as suas interlocutoras, e que anula a possibilidade da interação humana. O rosto, insiste Levinas, sinaliza a vulnerabilidade humana e faz exigências morais às outras⁵¹. As Zapatistas estão além destas exigências; elas e eles se recusam a mostrar seus rostos.

A força performática destes gestos ressoa nacional e internacionalmente - a única razão pela qual a maioria delas está viva hoje. As Zapatistas assumiram funções associadas aos "sistemas de Estado" - saúde, educação, gestão de recursos, autodefesa e controle de seu território. Para o inferno com as táticas das fracas! Elas e eles reivindicam a estratégia, o "próprio", o espaço e o tempo que lhes pertencem, que, como diz Certeau "serve de base para a geração de relações com um exterior distinto dele"⁵². Elas e eles decidem quem entra em seu território, quando e em que circunstâncias. Tendo entregue os nossos papeis, aguardamos permissão para prosseguir. Entramos em seu fuso horário.

Reflexão Quatro: Ethos

Embora a luta para formar um governo "bom" não seja "indígena", o sistema de

48 SUBCOMANDANTE MARCOS, Op. Cit., p. 76.

49 Michael Taussig. *Defacement: Public Secrecy and the Labor of the Negative*. Stanford: Stanford U.P., 1999, p. 239.

50 Op. Cit., p. 246.

51 Emmanuel Levinas. "Exteriority and the Face," *Totality and Infinity*, traduzido por Alphonso Lingis. Dordrecht, Boston, and London: Kluwer Academic Publishers, p. 197.

52 Michel de Certeau. *The Practice of Everyday Life*. Traduzido por Steven Randall. Berkeley: University of California Press, 1984, p. xix.

valores através do qual essa luta gera força certamente é. As Zapatistas habitam o antigo sistema de equivalências das Maias, uma conectividade profundamente enraizada e o reconhecimento mútuo. Natureza, humanos e animais, o universo são unidos por um sangue vital cósmico que bombeia energias em todo o sistema. O sistema elude à compartimentalização de sistemas de Deleuze e Guattari, baseada na distinção botânica entre arborescente (a árvore com suas raízes e folhas) e a rizomática (não tem raízes, mas funciona através de redes)⁵³. O primeiro é ancestral e lento, o último, adaptável, flexível e em rede. Para as Zapatistas, o lento e o ancestral sustenta o adaptável, flexível e rápido. As Zapatistas se movem, como diz Ricardo Dominguez, na velocidade dos sonhos.

Os sistemas epistêmicos indígenas, além disso, não partem do núcleo do “eu” individualizado que sustenta as noções eurocêntricas do sujeito. Não há palavra para “eu” nas línguas mesoamericanas. Um dos Zapatistas que se tornou meu amigo me disse: “o ‘eu’ é um ‘eu’ coletivo. Mas quando falamos do ‘eu’ coletivo, colocamos a interação como condição. Todos os elementos de uma interação são as singularidades, as personalidades”⁵⁴. Esse senso de subjetividade como *relacional* não tem nada a ver com a noção hegeliana de “eu” como “unidade pura e autocontida”, como “sujeito filosófico” que embasa o pensamento ocidental e de onde Nancy parte⁵⁵.

Este “eu” não “pressupõe [...] o ego autocontido” baseado na diferenciação em relação ao(s) outro(s): “relacionando-se consigo mesmo, relega o outro a um *self* (ou ausência de *self*) que é diferente”⁵⁶. Este não é o *Dasein* de Heidegger. Para as maias, seres humanos, milho, caramujos, montanhas, chuva, etc., cada um tem seu “*ch’ulel*”, a animação e interconexão de todas as coisas, humanas e não-humanas. Meu amigo zapatista explicou que o “*ch’ulel*” se refere à vida em tudo. É a presença que constrói e completa tudo o que existe no universo e que lhe dá sua importância. “*Ich’el ta muk*” reconhece a grandeza do outro, sua dignidade e “excelência”. As mesoamericanas começaram a cultivar milho há dez mil anos e são, portanto, o povo do milho. A Monsanto quer crescer, não matar, o milho (é o que diz a corporação transnacional); mas matará o “*ch’ulel*” do milho. Milho geneticamente modificado se tornará mais uma coisa morta na produção capitalista de coisas mortas. *Ya Basta!* O desafio é “como criar um mundo baseado no reconhecimento mútuo da dignidade humana, na formação de relações sociais que não sejam relações de poder”, escreve Holloway, importante interlocutor para as zapatistas. Uma forma tem sido através da afirmação de um nós inclusivo, um NOSOTROS que dialoga com outros NOSOTROS, outros grupos de povos capazes de se representar.

O *caracol*, como uma formação social, representa o sistema de equivalências. Caracóis carregam suas casas com eles. Suas pinturas e frases encapsulam uma cosmologia inteira. Imagens de caracóis, muitas vezes vestindo máscaras zapatistas bem humoradas, aparecem na maioria dos murais, pinturas e tecidos. As Zapatistas honram o ritmo lento e constante do caracol, a paciência e o esforço necessário para tudo. Esta é a teoria da retaguarda em ação. A concha do caracol serve também

53 Gilles Deleuze e Felix Guattari, Op. Cit., pg. 16.

54 Diana Taylor e Jacques Servin, Op. Cit.

55 Jean-Luc Nancy, *The Birth to Presence*, translated by Brian Holmes and others. Stanford, CA: Stanford U.P. 1993, p. 9.

56 Op. Cit., 10

como layout para suas terras comunais, que seguem em espiral a partir dos pequenos centros administrativos. O desprezioso caracol, além disso, representa a guerra nos glifos maias clássicos, a guerra que os maias travaram há muito tempo contra os mestres coloniais imperialistas e, agora, seus banqueiros (O banco Chase Manhattan solicitou a eliminação das zapatistas como pré-condição para um empréstimo depois do desastre econômico precipitado pelo NAFTA em 1995)⁵⁷.

Reflexão Cinco: NÓS

Nesse ponto da celebração, uma mulher não nomeada, identificada apenas como membro da Junta de Bom Governo, dirigiu-se à multidão em espanhol: "Compañeras, compañeros, hermanas y hermanos de la sociedad civil, nacional e internacional.". Desde a insurreição zapatista, como observamos, a paridade de gênero tornou-se central para o movimento. Isso se reflete não apenas em todos os papéis de governo, cargos oficiais e práticas educacionais, mas na própria linguagem. Nenhuma palavra masculina termina sem seu homólogo feminino, hermanas y hermanos. A companheira da JBG falou das lutas que o movimento tem sustentado ao longo dos anos: "Não tem sido fácil", ela admitiu, "esses dez anos de prática e de construção da nossa autonomia... Não tem sido fácil por muitas razões, como a falta de experiência ou falta de treinamento em governar e auto-governar"⁵⁸. Mas a necessidade de resistência continua, ela esclarece, confrontadas como elas e eles são por um governo que continua a negar-lhes direitos e liberdade e que quer tomar suas terras. As Zapatistas, diz ela, continuam a aprender como resistir e trabalhar pela democracia, mesmo que os frutos da luta não sejam visíveis em suas vidas. A compañera pede às pessoas de bom coração e de boa vontade que compõem a sociedade civil para apoiar a luta delas.

Ela está se referindo a nós?

Quem está sendo invocado e solicitado a apoiar? O que significa apoio?

A maioria das comunicações das zapatistas desde 1994 foram dirigidas aos "irmãos e irmãs" do México e às "pessoas do mundo". A luta pela paz, justiça, democracia e dignidade, elas e eles nos lembram com frequência, não é só delas. As pessoas que aspiram aos mesmos valores na sociedade civil devem resistir à tentação e ao "conforto óbvio de não fazer nada - de sentar e esperar para observar, e de aplaudir ou vaiar os atores"⁵⁹. "Irmãos e irmãs de outras raças e línguas, de outras cores, mas com o mesmo coração, agora protegem nossa luz, e nela bebem do mesmo fogo"⁶⁰.

Apoiar, então, não significa vestir uma máscara e ir viver nas montanhas de Chiapas. Claro que brancas e mestiças fizeram isso - o Sup é apenas o exemplo mais óbvio. Esse é o nível de comprometimento necessário se alguém quer *ser* uma Zapatista. Outras vão às várias comunidades e ajudam pintando murais, fornecendo ajuda médica, trabalhando nos projetos educacionais ou agrícolas e assim por diante. Há certamente trabalho a ser feito, e as Zapatistas aceitarão ajuda quando e se lhes con-

57 Alexander Cockburn e Ken Silverstein. "Major U.S. Bank Urges Zapatista Wipe-out: 'A Litmus Test for Mexico's Stability.'" *Counterpunch* 2 (3), 1995.

58 Traduzido pela autora de um vídeo do evento. O mesmo discurso é citado em José Gil e Isain Mandujano. "Una década de caracoles". *Proceso*, 25 de agosto 2013, p. 34-36.

59 SUBCOMANDANTE MARCOS, Op. Cit., 52.

60 SUBCOMANDANTE MARCOS, Quarta Declaração da Selva Lancandona, 01 de janeiro de 1996. Excerto em SUBCOMANDANTE MARCOS, 85.

vém. Amigas minhas que trabalharam nas comunidades se sentiram magoadas quando as zapatistas fecharam suas portas a pessoas de fora. Elas e eles também precisam esperar se optarem por participar. Outras acompanham politicamente as zapatistas, para garantir que o governo não as extermine. Elas e eles ouvem e honram o chamado: "Não nos abandonem, irmãos e irmãs [...], não nos deixem sós. Não deixem que isso tenha sido em vão"⁶¹. Outras ainda contribuem ao tomar iniciativas zapatistas e continuam a luta pela defesa dos direitos humanos e ambientais à sua maneira. Encontrar causa em comum significa que todos os NÓS agem em sua própria maneira, de suas próprias posições e terrenos. As Zapatistas deixaram claro que não liderarão, exceto, talvez, por exemplo: "Não queremos e não podemos tomar o lugar que algumas querem que tomemos, o lugar de onde emanam todas as opiniões, todos os caminhos, todas as respostas, todas as verdades; Nós não o faremos"⁶². É por nossa conta. Muitos movimentos de justiça social começaram como resultado das Zapatistas. Apenas um exemplo: o Primeiro Encontro Internacional pela Humanidade e Contra o Neoliberalismo foi seguido por um segundo em Praga. Algumas dessas ativistas fundaram o Fórum Social Mundial para criar um movimento global.

Depois que a compañera terminou de falar, outro membro da JBG de outra região pegou o microfone e proferiu o mesmo discurso em Tzeltal. Quando terminou, outro o proferiu em Tzotzil. Os discursos pareciam intermináveis para mim no aqueceiro, e eu olhei consternada para meus sapatos arruinados.

Tenho muito a aprender sobre paciência, lentidão, quietude e sobre a teoria da retaguarda.

Logo os discursos terminaram e as bandeiras foram postas cerimoniosamente no espaço central. Os próximos minutos foram todos VIVAS! Viva a Escuelita Zapatista! Viva a sexta nacional e internacional! Viva a sociedade civil nacional e internacional! Viva! Os "vivas!" ficaram mais altos quando chegaram ao "Viva las bases de apoyo zapatistas! Viva el subcomandante insurgente Marcos! Viva el subcomandante insurgente Moisés! Viva el comité clandestino revolucionario indígena! Viva o Ejército Zapatista de Liberación Nacional! Viva! Viva Chiapas! Viva México!" Uma música alegre começou junto com um bater de palmas. Em pouco tempo, todas as representantes marcharam para fora do pódio, a longa fila de mulheres e homens caminhando um após o outro, com sua bela roupa cerimonial indígena. Moviam-se muito depressa, embora formalmente, através da chuva que caía pela longa estrada até a entrada do caracol. A música, um *corrido* com muitos metais e com uma batida de polca, versava sobre heroicos opositores dos maus governos.

Então a dança começou - a música soou nos autofalantes e um MC chamou as pessoas para a quadra de basquete, agora, pista de dança. Casais e indivíduos saíram com lonas pretas de plástico sobre suas cabeças, balaclavas cobrindo seus rostos, se movendo lenta e ritmadamente com a música. Membros do nosso grupo participaram, dançando alegremente na companhia das Zapatistas.

Então, voltando à pergunta do Zapatista: o que estamos fazendo lá? Aquelas receptivos ao chamado de Moisés se tornaram um NÓS ao participar. Nós não nos

61 SUBCOMANDANTE MARCOS, "Five Hundred Years of Indigenous Resistance, February 1, 1994," em SUBCOMANDANTE MARCOS, p. 41.

62 SUBCOMANDANTE MARCOS, "Opening Words to the National Democratic Convention, August, 1994," in SUBCOMANDANTE MARCOS, p. 56.

tornamos um NÓS com as Zapatistas, simplesmente transformadas pelo contato repentino. Havia curiosidade e talvez nervosismo em ambos os lados. No entanto, esse gesto performativo - o convite e a aceitação - iniciou um diálogo entre esses diversos NÓS, um diálogo que protege as Zapatistas do extermínio, mas que nos instrui e nos anima também. Elas e eles deram as costas com sucesso ao capitalismo - e às relações degradantes e amplamente exploradoras entre os seres humanos, animais, plantas e natureza que ele promove - e encontraram outra maneira de viver.

Sua visão, "outro mundo é possível", "um mundo onde caibam muitos mundos, um mundo que pode ser um e diverso" é realizada através de seu compromisso com a tomada de decisão comunitária, a igualdade de gênero, a diversidade sexual, a educação baseada na prática (que desenvolve uma consciência crítica, dentre outros tópicos e habilidades), uso de terra ambientalmente sustentável e soberania alimentar. Elas e eles transmitem suas práticas através de múltiplos locais, desde suas escolas e práticas locais até as *escuelitas* internacionais que ensinam e inspiram ativistas atualmente envolvidas em todos os tipos de políticas ambientais e alimentares⁶³. As Zapatistas nos convidam a alinhar-nos com uma política, uma prática sustentável, sem o impulso extrativista de apropriar-nos de seus conhecimentos e cosmovisão. Como disse Xuno López, um filósofo maia, é "continuando a aprender juntas de maneira coletiva, respeitando nossas diferenças, que podemos criar outras rotas possíveis e outras possíveis soluções para a doença dos individualismos que o capitalismo incrustou em nossos corações"⁶⁴.

As Zapatistas, eu entendi repentinamente, são o nosso futuro, não o nosso passado. Este não é o mundo bárbaro, pré-civilizado, que os governos latino-americanos encaram como um obstáculo para a modernidade - elas e eles conseguiram navegar com sucesso a crise da sustentabilidade que ameaça tudo o que a modernidade representa. Nós, os "nós" em minúsculas, estamos correndo para alcançá-las. "Nós somos a estrada", disse o Comandante David em 2001, "Não o ponto final, nem o ponto de partida. Nós nos tornamos uma ponte para outros mundos"⁶⁵. Os comunicados que vêm de algum lugar na selva Lacandona, como Jon McKensie escreve, são "despachos do futuro"⁶⁶. Eu vim para "ouvir e aprender" como Marcos nos pediu bondosamente, mas eu sei também o quanto eu tenho para desaprender se quiser ouvir⁶⁷.

A chuva, a lama, a pobreza não parecem sufocar ou desafiar o orgulho, a dignidade ou a determinação das Zapatistas. De acordo com relatórios que elas e eles citam, as comunidades zapatistas alcançaram padrões mais elevados de saúde e educação do que todas as outras comunidades indígenas no México. Mas Chiapas ainda

63 "Para entender a segurança alimentar, as alunas zapatistas frequentemente aprendem técnicas agroecológicas fora da sala de aula. Isso significa que elas e eles aprendem como aplicar técnicas agrícolas sustentáveis enquanto participam na plantação / colheita de culturas orgânicas. Esta área de educação experimental e localizada enfatiza a importância de trabalhar a terra para atingir as habilidades necessárias para alcançar a soberania alimentar para as gerações futuras. Ele também fornece uma visão geral de como modificações transgênicas e privatizações de sementes / plantas / vida são consideradas francas ameaças e ataques flagrantes à sua cultura". Levi Gahman, "Mexico's Zapatista Movement May Offer Solutions to Neoliberal Threats to Global Food Security." *Truthdig*. 21 de agosto de 2016. http://www.truthdig.com/report/item/zapatista_movement_solutions_neoliberal_threat_food_security_20160821. Acesso em: 24 agos. 2016.

64 Juan López Intzín. "Rediscovering the Sacred and the End of Hydra Capitalism." Professor Convidado, Hemispheric Institute, 14 abr. 2016. "poco a poco vamos aprendiendo de manera colectiva conjunta que el compartir, respetando nuestra diferencias, es lo que nos puede traer caminos posibles, soluciones posibles a las enfermedades de individualización que el capitalismo nos ha incrustado en el corazón". (1.21 no video) <https://vimeo.com/164639566>.

65 Carlos Monsivais. *EZLN: Documentos y comunicados* "La marcha del color de la tierra," 2 de dezembro de 2000/ 4 de abril 2001. México: Ediciones Era, 2003

66 Citado em Jill Lane. "Digital Zapatistas."

67 SUBCOMANDANTE MARCOS, *Malas y No Tan Malas Noticias*, novembro, 2013. <http://enlacezapatista.ezln.org.mx/2013/11/03/malas-y-no-tan-malas-noticias/> Acesso em 30 de dezembro de 2013.

é, vinte anos mais tarde, o estado mais pobre da nação. Tem mais desigualdade agora do que em 1994, e taxas mais altas de analfabetismo⁶⁸. Carlos Monsivais, escrevendo ao acompanhar as Zapatistas em sua "marcha pela dignidade" de 2001, observou que, dada a discriminação no México, o chamado óbvio e indiscutível de educação, alimentação, saúde e terra parece utópico⁶⁹. Quanto mais as Zapatistas avançam, mais longe os ideais "utópicos" de justiça social parecem se afastar delas. Mas elas e eles continuam se movendo.

E, durante todas as noites ao longo da semana, a Força Aérea mexicana passou estridente pelos caracoles, apenas caso NÓS tenhamos esquecido que elas e eles podem fazer isso...

Avanzo un metro, se aleja un metro
Avanzo dos metros, se aleja dos metros
Avanzo diez metros, se aleja diez metros
Sé que nunca lo alcanzaré
Sé que una utopía
Que es un sueño
Entonces...
¿Para qué sirven los sueños, las utopías?
Para avanzar!
(Pintado em um muro em Oventic, Chiapas)

Recebido em: 30/11/2016

Aprovado em: 30/11/2016

68 Viridiana Ríos. "Chiapas, peor que ayer." *Nexos*, January 2014, p. 26.

69 MONSIVAIS, Carlos, "reconocimiento de los derechos a la educación, la vivienda, la salud, la tierra (a fuerza de discriminación, lo obvio, lo indiscutible, se vuelvo lo utópico." *EZLN: Documentos y comunicados*, V. 5., p. 34.